

## DO LIXÃO À MORADIA: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE RISCO DOS RESIDENTES DO CONJUNTO HELIÓPOLIS – SP

### FROM LANDFILL TO HOUSING: AN ANALYSIS OF THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF RISK OF RESIDENTS OF THE CONJUNTO HELIÓPOLIS - SP

Letícia Stevanato Rodrigues<sup>1</sup>  
Sílvia Helena Zanirato<sup>2</sup>

#### RESUMO

A configuração de situações de risco associadas à exposição humana a áreas contaminadas nas cidades é um problema inerente às dinâmicas de produção do espaço urbano que reproduzem vulnerabilidades socioambientais e afetam em maior grau os grupos socialmente marginalizados. O presente artigo discute o caso do Conjunto habitacional Heliópolis, construído sobre um lixão pela municipalidade de São Paulo no final da década de 1980 e destinado à população de baixa renda. O objetivo é de identificar e analisar as representações sociais dos moradores sobre o risco associado à contaminação do solo local, de forma a investigar como os residentes compreendem e se posicionam frente à situação vivenciada. A metodologia compreende um estudo de caso que se valeu da aplicação de entrevistas a 30 moradores do local e da análise de documentos sobre as medidas adotadas para o gerenciamento de risco. As representações sociais dos moradores expressam as múltiplas dinâmicas de desigualdade socioambiental que estruturam as relações sociais locais e o modo de enfrentamento adotado pelas instituições responsáveis para gerenciar a situação. Esses resultados expressam que o enfrentamento de risco em áreas contaminadas precisa ser revisto, sobretudo em países marcados por assimetrias sociais, como é o caso do Brasil, para que seja apreendido pela população e enfrentado de forma mais efetiva.

**Palavras-chave:** Poluentes do Solo. Percepção Social. Fatores Socioeconômicos.

#### ABSTRACT

The configuration of risk situations associated with human exposure to contaminated areas in cities is a problem inherent in the dynamics of urban space production that reproduce socio-environmental vulnerabilities and affect a greater extent socially marginalized group. This article discusses the case of the Conjunto habitacional Heliópolis, built on a landfill by the municipality of São Paulo in the late 1980s and

<sup>1</sup>Mestra em Ciência Ambiental pelo Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. Brasil. E-mail: [leticia.stevanato.rodrigues@usp.br](mailto:leticia.stevanato.rodrigues@usp.br)

<sup>2</sup>Livre-Docente em Ciência Ambiental, Professora do Instituto de Energia e Ambiente e da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Brasil. E-mail: [shzanirato@usp.br](mailto:shzanirato@usp.br)

intended for the low-income population. The objective is to identify and analyze the social representations of residents about the risk associated with the contamination of local soil, to investigate how residents understand and position themselves about the situation experienced. The methodology comprised a case study that used interviews with 30 residents and the analysis of documents on the risk coping measures adopted. Social representations of the residents express the multiple dynamics of social and environmental inequalities that structure local social relationships and coping mode adopted by the institutions responsible for managing the situation. These results show that the confrontation of risk in contaminated areas, especially in countries marked by social asymmetries needs to be revised, as is the case in Brazil, so that it is apprehended by the population and faced more effectively.

**Keywords:** Soil Pollutants. Social Perception. Socioeconomic Factors.

## INTRODUÇÃO

O modo de produção capitalista do espaço urbano desencadeou situações de risco por meio da deposição inadequada de resíduos sólidos urbanos, levando a contaminação de solos e corpos d'água<sup>1</sup>. Desde o século XIX, a produção de áreas contaminadas associadas à deposição inadequada de resíduos compôs a formação da cidade de São Paulo que, por meio da (in)ação do poder público, culminou na ocupação dessas áreas por famílias de baixa renda<sup>2</sup> que foram excluídas de acessar terras em áreas saudáveis e já urbanizadas, com preços inacessíveis a esses grupos<sup>3</sup>. No Brasil, essa situação está associada ao processo de urbanização desigual que, por meio de uma lógica socialmente excludente, tem orientado a reprodução de riscos em determinadas regiões, conformando vulnerabilidades e injustiças ambientais<sup>4</sup>.

Este artigo discute a noção de vulnerabilidade socioambiental como processo inerente às relações desiguais de poder sobre a produção do espaço urbano e vai de encontro à visão técnica e operacional da vulnerabilidade<sup>5</sup> que a reduz como variável a ser quantificada e mapeada e relega os processos sociais que a estruturam<sup>5,6</sup>. Para essa discussão, a Teoria das Representações Sociais (TRS) contribui para compreender a estrutura social dos mecanismos de compartilhamento de ideias, interesses e práticas que conferem determinadas formas de controle social sobre a vida e as relações cotidianas<sup>7</sup>, possibilitando analisar como essas estruturas sociais e simbólicas se relacionam com as dinâmicas de produção e representação do espaço, do risco e da vulnerabilidade.

Discute-se o caso do Conjunto Heliópolis como uma situação de vulnerabilidade inerente à urbanização da cidade de São Paulo que, por meio de um programa habitacional, promoveu moradia em local que abrigou um lixão, levando a exposição dos residentes a substâncias tóxicas que foram depositadas irregularmente no solo, configurando uma situação de risco. O artigo visa analisar as representações sociais dos moradores do Conjunto Heliópolis sobre o risco associado à contaminação do solo local, de forma a investigar como os residentes compreendem e se posicionam frente à situação vivenciada.

O artigo inicia com a descrição metodológica do estudo para apresentar, na sequência, os resultados e discussão da problemática analisada e, por fim, a conclusão.

## **METODOLOGIA**

Utilizou-se uma abordagem qualitativa de estudo de caso do Conjunto Heliópolis, que visa compreender fenômenos da realidade por meio da identificação e análise dos fatos<sup>8</sup>. Realizou-se análise documental sobre o Conjunto Heliópolis e aplicação de entrevistas semiestruturadas<sup>9,10</sup>, com questões abertas e fechadas, a 30 moradores, número amostral que se revelou satisfatório considerando a saturação de argumentos nas falas dos entrevistados<sup>10</sup>. As entrevistas aos moradores ocorreram nas áreas de uso comum dos edifícios, bem como nos comércios e centros comunitários locais, seguindo os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos (Parecer nº. 2.633.437/2018).

Para analisar as representações sociais dos moradores sobre a situação de risco foram analisados documentos da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB-SP), responsável pela provisão da moradia, do órgão ambiental estadual, que fiscaliza o gerenciamento de áreas contaminadas, e das consultorias ambientais, responsáveis pela execução das medidas de controle de risco e de comunicação no caso investigado.

A sistematização dos dados coletados foi realizada pela técnica de análise de conteúdo<sup>11</sup>, com a seleção de três temas (contaminação, riscos e gerenciamento de risco) para recorte analítico dos documentos<sup>11</sup>. Essa análise possibilitou identificar e caracterizar as representações sociais dos entrevistados quanto ao risco vivenciado e às intervenções adotadas pelas instituições responsáveis para gerenciar a situação. Por fim, os resultados foram analisados à luz da literatura para reflexão crítica sobre seu conteúdo e significado.

## **RESULTADOS**

O Conjunto Heliópolis ocupa uma área de 110 mil m<sup>2</sup> denominada Gleba L, localizada no distrito Ipiranga, município de São Paulo, região que abrigou um importante parque industrial nos séculos XIX e XX<sup>12</sup>. A partir do final de década de 1980, a Gleba L, que até então constituía um terreno de deposição irregular de resíduos de fontes desconhecidas, passou a abrigar 72 edifícios construídos pela prefeitura de São Paulo e destinados à moradia para população de baixa renda. Em 1988, foram implantados 42 edifícios na porção sul da gleba, denominada L1 e, entre 1994 a 1995, mais 30 edifícios na porção norte, denominada L2<sup>13</sup>, como apresenta a figura 1.

Figura 1 – Localização da área de estudo.



Fonte: Autores (2020).

A provisão de moradia no lixão da Gleba L conformou uma situação de risco que passou a ser investigada no ano de 2000, cujos estudos apontaram a presença de substâncias tóxicas, carcinogênicas e inflamáveis no solo e na água subterrânea, conferindo riscos à saúde e à vida dos moradores do Conjunto Heliópolis que estavam sujeitos à inalação, contato dérmico e ingestão dessas substâncias<sup>13</sup>.

Após a investigação, a COHAB-SP implementou medidas para controlar a situação de risco e desenvolveu um processo de comunicação social que envolveu a divulgação de informações sobre as ações de controle e monitoramento das substâncias tóxicas e inflamáveis presentes no solo por meio da distribuição de cartazes, folhetos e folders e realização de reuniões com os residentes do local<sup>14</sup>. Para analisar como esse processo foi realizado, para além do discurso institucional, a identificação das representações sociais dos moradores é fundamental.

A compreensão da estrutura simbólica dos moradores do Conjunto Heliópolis frente à situação de risco e à forma de enfrentamento institucional adotada pela COHAB-SP ocorreu por meio da análise das representações sociais dos residentes acerca das questões “o que é contaminação?” e “quais os riscos a ela associados?”.

A análise de conteúdo das representações sociais possibilitou o agrupamento temático da estrutura simbólica dos moradores do Conjunto Heliópolis sobre o conceito contaminação (figura 2) e sobre a situação de risco (figura 3). A relação entre as categorias temáticas das representações sociais presente na fala dos entrevistados estão indicadas pelas setas maiores, em cor cinza. O trecho da fala da Participante 3

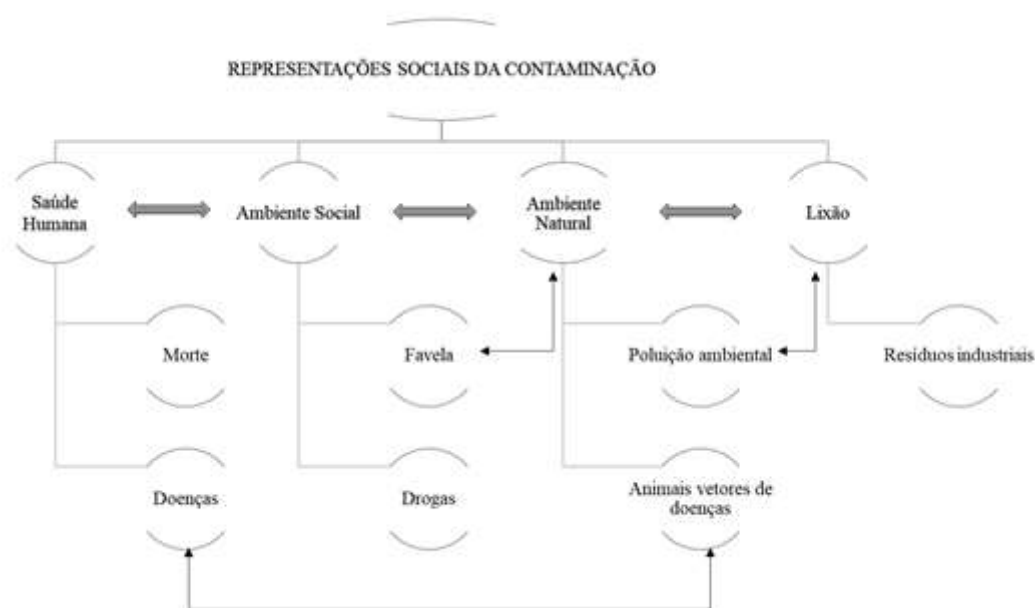
apresenta essa relação simbólica: “contaminação é quando junta uma coisa e outra, eu acho que não vai fazer bem para saúde [...], não só pelo esgoto a céu aberto, invasão das favelas, por vários motivos, a gente já mora em cima do lixo”. As setas menores, em cor preta, indicam a conexão entre o conteúdo das categorias presentes na estrutura simbólica dos moradores sobre o assunto abordado.

As representações sociais sobre contaminação foram agrupadas em quatro categorias a partir da fala dos entrevistados: Saúde Humana, Lixão, Ambiente Social e Ambiente Natural, conforme expõe a figura 2.

A categoria Saúde Humana integra as apreensões dos moradores que compreendem a contaminação como fatores físicos, biológicos e químicos que podem afetar a saúde, definida como “aquilo que pode prejudicar a nossa saúde” (Participante 1), e que “em alguns casos, leva até a morte” (Participante 16), ou ainda “tudo aquilo que não gera vida, que gera sequelas” (Participante 27).

As representações da categoria Ambiente Social compõem o entendimento da contaminação associado à “falta de higiene, o pessoal [que] joga lixo onde é mata, nascente de rio e bueiro” (Participante 7), ao “povo mal informado, sem cultura, povo sem raciocínio” (Participante 22) e ao “esgoto dos barracos” (Participante 15) e à “droga” (Participante 14).

Figura 2 – Categorias temáticas das representações sociais dos moradores do Conjunto Heliópolis sobre “contaminação”.



Fonte: Dados do estudo (2018).

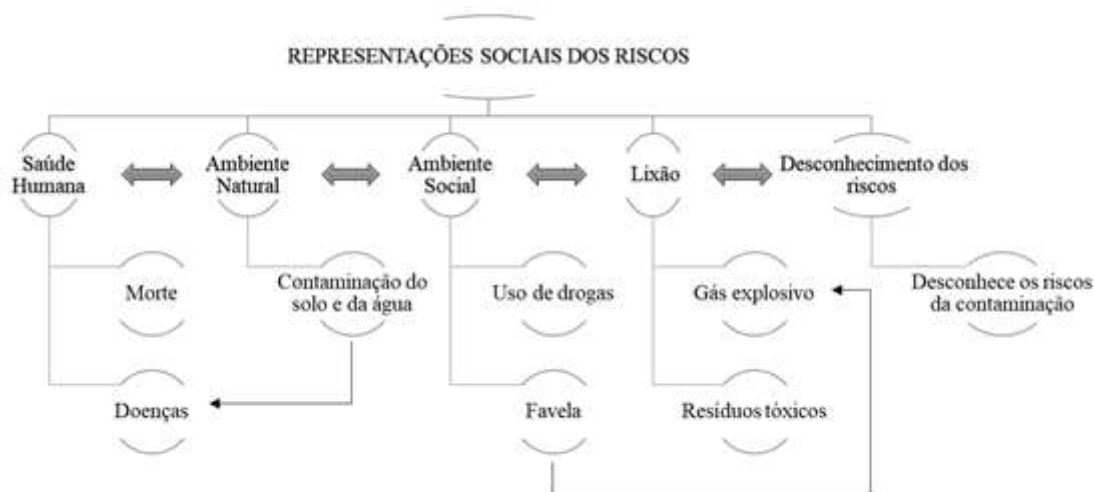
A categoria Ambiente Natural, por sua vez, refere-se à contaminação como poluição do ambiente que pode levar à proliferação de animais vetores de doenças, conectando às categorias Ambiente Social e Saúde Humana. Nesta categoria, a contaminação é “solo ruim, água suja” (Participante 10), “sujeira, rato, barata”

(Participante 8) e algo que “prejudica a saúde, faz mal para gente, para animal e para criança” (Participante 12).

A categoria Lixão compreende visões da contaminação acerca dos usos anteriores do solo da Gleba L, associados ao lixão e aos resíduos industriais depositados no local. A presença de resíduos tóxicos é relacionada pelos integrantes deste grupo à degradação da natureza e aos riscos à saúde. A contaminação é entendida como “a sujeira que ficou dos resíduos industriais que tinham das empresas aqui” (Participante 4) e que deixou “muitos gases, aqui é um lugar que você está sentado numa bomba” (Participante 26).

Quanto às representações sociais acerca dos riscos, foram identificadas as categorias Saúde Humana, Ambiente Natural, Ambiente Social, Lixão e Desconhecimento dos riscos. As cinco categorias são apresentadas na figura 3.

Figura 3 – Categorias temáticas das representações sociais dos moradores do Conjunto Heliópolis sobre os riscos associados à contaminação.



Fonte: Dados do estudo (2018).

Com relação às representações sociais sobre a situação de risco no Conjunto Heliópolis (figura 3), as falas da categoria Saúde Humana referem-se à associação da contaminação a problemas de saúde como, por exemplo, “problemas com tireoide, [...] câncer” (Participante 4), “contaminação do sangue das pessoas” (Participante 12), “doenças contagiosas” (Participante 5) e contempla testemunhos de problemas de saúde frequentes no território: “a doença que mais perturba aqui é a respiratória” (Participante 26) e “dor de cabeça” (Participante 3).

As representações da categoria Ambiente Natural agregam os riscos associados à contaminação de compartimentos naturais (solo e água) e seus efeitos à saúde. A Participante 7 afirma que em função da contaminação do solo associada às condições sanitárias da favela há “risco para a saúde da gente, porque fica tudo insalubre, fica tudo de baixa qualidade, se a vegetação está maltratada, as águas estão maltratadas, a gente também fica maltratado (Participante 7).

Na categoria Ambiente Social, as visões sobre os riscos da contaminação se referem às relações sociais locais e as práticas de discriminação entre os grupos que convivem na Gleba L que conforma representações de risco associadas ao uso de “drogas” (Participante 11) e à própria “favela” (Participante 14).

A categoria Lixão compreende as representações de risco com relação ao uso do espaço como lixão, conformando risco de “explosão” pelas substâncias presentes no solo (Participante 18) e “de uma demanda escondida da questão cancerígena” que, segundo entrevistados, associa-se à contaminação do solo (Participante 27).

Por fim, há moradores que desconhecem a associação de risco com o espaço que ocupam e integram a categoria Desconhecimento dos riscos. Nesta categoria, entre o total de entrevistados, cinco afirmaram não ter ciência sobre a possibilidade de riscos associados à contaminação do solo no local onde vivem.

## DISCUSSÃO

Com relação à comunicação em situações de risco, a literatura ressalta a necessidade de empreender um processo dialógico entre os atores e instituições envolvidas (órgãos públicos, empresas, população e gerenciadores de risco) com o intuito de fornecer informações para que as pessoas possam tomar decisões de enfrentamento ao risco<sup>15</sup>. Porém, o que se tem visto na prática são formas não dialógicas de comunicação<sup>16</sup>, denominada por Paulo Freire<sup>17</sup> como concepções “bancárias” de comunicação, que busca preencher os indivíduos como se fossem “vazios”, destituindo sua capacidade de influência e ação no processo decisório<sup>16</sup> e veiculando discursos técnico-científicos que legitimam as decisões tomadas pelos responsáveis pelo risco<sup>18</sup>, tornando o enfrentamento de risco um campo de dominação social e cognitiva<sup>19</sup>.

Apesar da presença do discurso participativo nos documentos de comunicação social no Conjunto Heliópolis, percebe-se que o processo foi concebido para que a população entendesse a importância de se executar ações definidas por especialistas sem o envolvimento dos moradores no processo decisório, na expectativa de obter “respostas ao atendimento das necessidades do trabalho”<sup>20</sup>, indo na contramão de uma participação dialógica que envolve a redistribuição de poder da informação e da decisão aos grupos locais<sup>21</sup>. Essa prática é inerente ao modelo tradicional de enfrentamento de risco que apresenta um caráter hermético aos saberes e formas de enfrentamento dos indivíduos que vivenciam o risco<sup>22</sup> e que objetiva “convencer ou transmitir informações entre as partes interessadas sobre os riscos, o significado desses riscos, e as decisões implementadas”<sup>16</sup>.

Além da dinâmica de poder sobre o saber que estrutura o modelo tradicional de enfrentamento de risco, configurando um discurso participativo que não se efetiva na prática, a análise das representações sociais dos moradores do Conjunto Heliópolis sobre a contaminação e os riscos a ela associados revelou dinâmicas de poder locais que se imbricam às relações socioambientais do território.

Observa-se nas representações da categoria Ambiente Social uma estrutura simbólica da contaminação relacionada a práticas discriminatórias às classes de baixa renda que, até 2018, ocupavam de forma precária uma área da Gleba L. Esse grupo é concebido como “degradador” do ambiente, como se observa na fala do Participante 29: “aqui não tem contaminação de solo, [...] a contaminação que tinha aqui era de zumbis [referindo-se a usuários de drogas]”, que expressa a negação da contaminação de solo e a afirmação de uma “contaminação do ambiente social”.

À luz da TRS, a negação da ameaça ambiental pode se colocar como mecanismo de defesa local que transfere a culpa a grupos socialmente oprimidos por um grupo dominante no território que reivindica sua identidade em oposição ao outro, exercendo o controle das representações sociais do que se considera ameaçador<sup>23</sup>. Esse processo é inerente à classificação social presente na definição das representações do conforme ou divergente da regra, estabelecendo sentido de identidade ou de diferença a depender do que definem como positivo ou negativo, levando a implicações como a exclusão social do que se considera divergente<sup>7</sup>. Isso é o que se observa na categoria Ambiente Social em relação aos moradores da favela na Gleba L. Tal condição traduz os rebatimentos das estruturas socialmente discriminatórias das desigualdades socioambientais<sup>24</sup> e se expressam como mecanismo de poder e controle que pretende eliminar a “desordem” como forma de proteção contra o “outro” que se entende como uma ameaça<sup>25</sup>.

Há elementos que perpassam as categorias temáticas das representações sociais dos moradores do Conjunto Heliópolis, como a ocorrência da contaminação e seus riscos não delimitada ao território local, como um problema “natural” e difuso por toda a cidade: “São Paulo inteira está debaixo de gás metano” (Participante 29), “tem risco em todos os lugares, tem tanta coisa que acontece que a gente acha que está livre num canto e quando vai ver, foi para um lugar pior, eu não sei o que é um lugar que a gente não corre risco” (Participante 2).

Ao analisar o contexto social de naturalização do risco ao processo de urbanização da cidade de São Paulo, percebe-se que a exposição ao risco pode se fazer como uma regra ao longo da vida para a população de baixa renda, como ocorreu aos moradores do Conjunto Heliópolis que ao acessarem a moradia, por meio de um programa habitacional, foram destituídos de uma vida digna e saudável, sendo expostos a riscos. Este fato confere a esses sujeitos representações de uma realidade injusta que lhes parece inalterável.

Além das dinâmicas desiguais do espaço urbano, as representações sociais dos moradores do Conjunto Heliópolis exprimem uma relação de injustiça cognitiva<sup>26</sup> presente no modo de enfrentamento de risco pouco sensível às demandas locais que excluiu do processo decisório os indivíduos que vivenciam cotidianamente os riscos no território.

As representações sociais da categoria Ambiente Social revelaram classificações entre os grupos locais praticadas pelos moradores que veem a contaminação e os riscos como responsabilidade dos “favelados”, ou seja, do grupo que se encontra em situação de destituição de direitos ainda mais inferior em relação aos demais moradores (por não terem acesso à moradia formal e aos serviços de



saneamento que possuem os moradores do Conjunto Heliópolis), exacerbando as assimetrias socioambientais no território.

## CONCLUSÃO

O enfrentamento de risco em áreas contaminadas demanda um processo de diálogo entre os diferentes atores envolvidos visando garantir o acesso à informação e à participação da população. A análise das representações sociais dos moradores do Conjunto Heliópolis evidencia a urgência de superar a concepção tradicional de enfrentamento e comunicação de risco que considera a população como “depósito” de informação.

Essa é uma condição *sine qua non* para o processo, pois em razão das limitações do modelo tradicional, a compreensão do grau e magnitude dos riscos é prejudicada para os sujeitos expostos, impossibilitando o reconhecimento do risco e a liberdade de escolha e de decisão sobre a permanência, ou não, no local. Afinal, a vulnerabilidade socioambiental da qual se encontram é resultante de estruturas desiguais de poder que não se resolvem com medidas pontuais. Assim, criam-se condições efetivas de apreensão e enfrentamento de riscos de modo a se romper a reprodução de vulnerabilidades socioambientais no Brasil.

## REFERÊNCIAS

1. Nathanail CP, Bardos RP. Reclamation of contaminated land. Chichester: John Wiley & Sons; 2004.
2. Ogata MG. Os resíduos sólidos na organização do espaço e na qualidade do ambiente urbano: uma contribuição geográfica ao estudo do problema na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: IBGE; 1983.
3. Maricato E. Para entender a crise urbana. São Paulo: Expressão Popular; 2015.
4. Porto MF, Ferreira DR, Finamore R. Health as dignity: political ecology, epistemology and challenges to environmental justice movements. *Journal of Political Ecology*. 2017; 24(1):110-124. [Access in 2021 jan 31]. Available from: <https://journals.uair.arizona.edu/index.php/JPE/article/view/20786/20378>
5. Mendes JM, Tavares AO. Risco, vulnerabilidade social e cidadania. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 2011; (93):05-08. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/173>

6. Acselrad H. O conhecimento do ambiente e o ambiente do conhecimento: anotações sobre a conjuntura do debate sobre vulnerabilidade. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*. 2013; 11(32):115-129. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/10158>
7. Moscovici S. O fenômeno das representações sociais. In: Moscovici S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 11.ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2015. p. 29-109.
8. Yin RK. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman; 2010.
9. May T. *Social research: issues, methods and process*. New York: Open University Press; 2001.
10. Minayo MCS, editor. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29.ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2010.
11. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1977.
12. Valentim LSO. *Requalificação urbana em áreas de risco à saúde devido a contaminação do solo por substâncias perigosas: em estudo de caso na cidade de São Paulo [dissertação] [Internet]*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; 2005. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001480149>
13. Weber. *Relatório técnico: readequação do Plano de intervenção à DD-038/2017 (Sistema de remediação por contenção), Relatório de Implantação, Avaliação e Acompanhamento das medidas de intervenção COHAB HELIÓPOLIS – GLEBA L*. São Paulo; Weber; 2018.
14. Secretaria Municipal de Habitação (SP). *Plano de Comunicação*. São Paulo: Prefeitura do município de São Paulo; 2011.
15. Covello V, Sandman PM. Risk communication: evolution and revolution. In: Woolbarst AB. *Solutions to an Environment in Peril*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press; 2001. p. 164-178.
16. Di Giulio GM, Figueiredo BR, Ferreira LC, Anjos JASA. Comunicação e governança do risco: a experiência Brasileira em áreas contaminadas por chumbo. *Ambiente & Sociedade*. 2010; 13(2):283-297. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/asoc/v13n2/v13n2a05>
17. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
18. Serra P. Os riscos da comunicação na comunicação dos riscos. In: *Colóquio Sociedade, Comunicação e Risco*, 2006; Açores, Portugal. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-riscos-da-comunicacao.pdf>.

19. Rangel-S ML. Comunicação no controle de risco à saúde e segurança na sociedade contemporânea: uma abordagem interdisciplinar. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2007; 12:1375-1385. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000500035&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500035&lng=en&nrm=iso)
20. Urbaniza. Relatório Final 2012-2013. São Paulo; Urbaniza, 2013.
21. Arnstein SR. Uma escada da participação cidadã. *Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação*. 2002; 2(2):4-13. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8464/mod\\_resource/content/1/escada\\_de\\_participacao.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8464/mod_resource/content/1/escada_de_participacao.pdf)
22. Romero AV, Rojel AJM. Hacia una propuesta diferenciada y crítica para la observación de riesgos y peligros en América Latina: una aproximación desde la teoría del riesgo y los sistemas sociales. In: Di Giulio GM, Gunther WR. *Inovação nas práticas e ações rumo à sustentabilidade*. São Paulo: Editora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2019. p. 272-293.
23. Joffe H. *Risk and “the other”*. Cambridge: Cambridge University Press; 1999.
24. Iamamoto SAS, Lamas I, Empinotti VL. Apresentação do Dossiê: Diálogos contemporâneos da ecologia política, contribuições desde a América Latina. *Revista de Ciências Sociais*. 2020; 51(2):13-36. [acesso em 2021 jan 31]. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/44416>
25. Mbembe A. La era del humanismo está terminando. *Revista latinoamericana de sociología, política y cultura*. 2020; (1):97-100. [acceso en 2021 jan 31]. Disponible en: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/7ensayos/article/view/6053>
26. Porto MFS. Crise das utopias e as quatro justiças: ecologias, epistemologias e emancipação social para reinventar a saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2019; 24:4449-4458. [acesso em 2020 out 02]. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232019001204449](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019001204449)

**Artigo recebido em:** 02/10/2020

**Artigo aprovado em:** 20/03/2021

**Artigo publicado em:** 26/03/2021